

IFNOPAP em memórias: começo e meio

Memory IFNOPAP: beginning and middle

Alexandre Ranieri Ferreira¹
<https://orcid.org/0000-0002-3689-9682>

Resumo: Tratar da minha relação com o IFNOPAP (O imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense) é simplesmente mesclar boa parte da minha vida pessoal e acadêmica. Falar do meu percurso acadêmico é iniciar com o projeto IFNOPAP, ter em mente que boa parte dessa vivência se deve a ele e que não existe um fim em que se possa dizer que a minha relação com o projeto há de acabar. As memórias que apresento neste artigo demonstram a importância da minha relação com o projeto e a professora Socorro Simões que desembocou em desdobramentos vários sem os quais tantas outras conquistas acadêmicas não seriam possíveis.

Palavras-Chave: IFNOPAP. Acadêmico. Memórias

Abstract: Dealing with my relationship with IFNOPAP (The Imaginary in Popular Oral Narrative Forms of the Amazonian Paraense) is simply mixing a most of my personal and academic life. To talk about my academic path is to start with the IFNOPAP project, keeping in mind that a good part of this experience is due to it and that there is no end in which it can be said that my relationship with the project will end. The memories I present in this article demonstrate the importance of my relationship with the project and Professor Socorro Simões ended up in several developments without which so many other academic achievements would not be possible.

Keywords: IFNOPAP. Academic. Memories

Um começo

Nos idos dos anos 2004 retornava a Universidade Federal do Pará de pois de passar três longos anos afastado e cursando Processamento de Dados no Centro Universitário do Pará (CESUPA). Na realidade, as poucas aulas, a pouca intimidade com os colegas de turma e as poucas possibilidades de emprego no ano de 1999 me fizeram procurar outra formação e

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Londrina. Professor da Secretaria Estadual e tutor EAD na Universidade Federal do Pará.



melhores oportunidades. Era uma formação particularmente difícil para alguém pouco apegado a números. Mas os anos que passei lá me ensinaram mais do que eu achava que aprenderia e me presenteariam com amigos que até hoje cultivo.

Terminado o curso, não satisfeito com a formação em computação, decidi fazer uma pós-graduação em Marketing na Universidade da Amazônia (UNAMA). Como as aulas eram a noite e apenas uma semana por mês, decidi retornar ao curso de letras. Para explicar as minhas ausências em detrimento do curso, conversei com a professora Germana Sales, professora de Literatura Portuguesa. Quando ela soube da minha formação, imediatamente me convidou a conhecer a professora Socorro Simões e o projeto Multiletras.

Em pouco tempo construí o site do projeto, organizei obras e ajudei a coordenador o primeiro encontro do projeto. Desde então muitas outras propostas se seguiram, criando logomarcas para projetos, sites e prestando consultoria em informática a várias pessoas que me procuravam. Outros projetos se seguiram mas acredito que a minha grande virada acadêmica se deu no ano de 2005 quando fui convidado a fazer parte da equipe do Encontro IFNOPAP (O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense) em Soure, Salvaterra e Cachoeira do Arari.

Foi a partir daquele momento que percebi o que queria ser: pesquisador. O trabalho era árduo, cansativo, às vezes desorganizado, mas não consigo imaginar que hoje estaria onde estou se não tivesse participado daquele evento.

Olhava embasbacado a pessoas como Josebel Akel Fares, Frederico Fernandes, Mário Cezar Leite, Arion Rodrigues, Ana Suelly dentre outros. Eu os olhava, admirava e queria um dia poder dividir uma mesa com eles.

Naquele ano, a alegria foi tanta que além de escrever uma peça bem humorada sobre as agruras que vivemos, escrevi um texto em homenagem ao evento e à professora Socorro Simões. Foi a primeira vez que me imaginei pesquisador, estudante de Mestrado e posteriormente de Doutorado, professor universitário e quem sabe um dia apresentando ou dividindo mesas com aqueles que tanto admirava.

No ano seguinte, em 2006: Ponta de Pedras. Foi quando tive oportunidade de reencontrar o professor Willi Bolle, que conhecera durante o CIELLA, rever Fred, Mário, Josebel e conhecer Edil Costa.

Em 2007 retornamos às origens e partimos em direção a Bragança. Agora como estudante da pós em Língua Portuguesa: uma abordagem textual seguimos pelos mesmo caminhos e como sempre ajudamos aqueles que mais precisavam. Levamos o conhecimento de todos esses grandes nomes às cidades de Bragança e Capanema.

Em 2008, já no mestrado, fomos a Mosqueiro. Levamos não apenas conhecimento, mas ajuda de parceiros como o PROPAZ. A emoção veio com a gratidão das pessoas atendidas.

No ano de 2009 visitamos as ilhas ao redor de Belém e mais uma vez pude comprovar que de pouco serve o conhecimento acadêmico se ele não puder ser compartilhado com a sociedade.

Um meio²

Além do projeto MultiLetras, tive oportunidade de trabalhar no projeto LAPEL e colaborei em outros como o Ouça os Mitos e Rotas do Mito. Durante as reuniões do projeto Ouça os Mitos tive contato com o *CD-ROM Caleidoscópico amazônico: uma aventura em*

² Alguns trechos deste capítulos foram retirados da minha tese de doutorado *Caleidoscópico amazônico: a oralidade em som imagem e movimento* defendida em 2016 na Universidade Estadual de Londrina.



imagens e cores feito com recursos da UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*) e da UNAMAZ (Associação de Universidades Amazônicas). Minha primeira impressão foi de profundo fascínio, de tal forma que, quando comecei meus estudos de doutorado sob a orientação do professor Dr. Frederico Fernandes na Universidade Estadual de Londrina (UEL), não pensei em outro objeto de estudo que não fosse aquele CD-ROM.

Obtive uma cópia do material e durante alguns dias li, reli, escutei e re-escutei cada uma daquelas historietas completamente fascinado, porque me via em muitas delas. Reencontrava em cada uma delas o passado, a infância, parentes, amigos, Cametá, Belém e vovó, em meio às personagens que já estavam no meu subconsciente e com quem me deparei com prazer frente a uma proposta que eu nunca havia visto.

Naquele mesmo ano, recebi outro convite da mesma professora para fazer parte da equipe de organização do IX Encontro IFNOPAP. Fomos ao Marajó, e, entre as cidades de Soure, Salvaterra e Cachoeira do Arari, entrei em contato com o mundo acadêmico das poéticas orais. Conheci professores que reencontrei em todos os encontros posteriores, fiz amizades para toda a vida, mas, principalmente, me reaproximei do (ou me reencontrei com o) cotidiano de algumas comunidades tão próximas geograficamente e tão distantes de mim até então, como na noite em que sentei com alguns professores em um bar em frente ao trapiche de Soure, onde estava ancorado o barco da nossa comitiva. O professor Frederico Augusto Garcia Fernandes, que viria a ser meu orientador no doutorado, conversava com um senhor de uma maneira bem amigável e próxima, quando me viu e disse: “venha cá, sente aqui. Você quer conhecer a narrativa oral da Amazônia, então sente aqui...”. E foi mais um momento de revelação: passamos boa parte da noite escutando histórias de fogo-fátuo, matintas, carroças fantasmas, mulheres cheirosas e tantas outras que me fizeram quebrar um ritual quase “sagrado” que me levava todas as noites à Praia do Pesqueiro, para conversar, beber e paquerar.

Foi naquele momento que o “menino da Informática” que namorava com livros impressos durante os tempos de greve na universidade virou um homem. Naquele instante, vi outra beleza, nem mais nem menos bonita que a do livro impresso, nem mais nem menos bonita que a do *CD-ROM*, mas que emprestava boa parte dela a um e a outro. Vi a beleza, ainda com todos os “dedos” que até hoje tenho sobre o assunto, brotar ante os meus olhos e, em especial, ante aos meus ouvidos, e eu me perguntava como “aquilo” foi parar “naquele” lugar, como aquele cancionista foi parar naquele disco compacto, daquela forma, naquele formato e com qual objetivo.

Não apenas o CD mas as histórias que deram origem às versões animadas em flash num outro formato, retextualizadas, reorganizadas e que agora atendiam a um objetivo e público diverso. Por isso mergulhei nas narrativas originais. Escutei as gravações, procurei saber um pouco melhor sobre os pesquisadores que haviam coletado aquelas narrativas, mas também os narradores orais. Procurei imergir naquele universo tão distante de mim pesquisando nos arquivos do projeto IFNOPAP.

Aprofundei-me no estudo dos métodos de coleta e transcrição, analisando com cuidado os objetivos, de tal forma que pude entender as intenções de um projeto pioneiro no Estado do Pará e que enfrentou grandes resistências até tornar-se umas das maiores referências em oralidade no Norte do país.

Neste momento, analisei os métodos utilizados pelo IFNOPAP com base, em especial, mas não exclusivamente, no documento fornecido pela coordenação do Projeto: *Achegas para técnica e ética da coleta* (1994). O documento é dividido em três partes: “a propósito do entrevistador”, “a propósito do informante” e “a propósito da gravação”. O último item divide-se em “antes”, “durante” e “depois” da entrevista.

O que primeiro chamou atenção nesta espécie de “pequeno manual” elaborado pelo IFNOPAP foi o nome dado a ele: “achegas”, que, segundo Vilhena, era um termo muito



usado pelos folcloristas para publicações curtas – de cerca de três laudas datilografadas – e indicava “que o autor pretendia apresentar hipóteses gerais sobre um problema, aproximar-se ligeiramente de um assunto, ou somente acrescentar algumas informações a um debate” (VILHENA, 1997, p.177). O termo, outrora utilizado para aqueles pequenos artigos, foi bem empregado para esse documento – também em três laudas – que trata de maneira geral de algumas (poucas) regras para a coleta de narrativas.

Segundo a professora Maria do Socorro Simões, em entrevista concedida para mim no dia 06 de janeiro de 2014, as achegas foram feitas em parte com base na intuição dos professores que participavam do projeto, e em parte com métodos científicos orientados pelo professor Cristophe Golder, que, na época, acabara de defender a sua tese de doutorado em semiótica pela Université de Franche-Comté, cujo tema versava sobre o bumba-meu-boi do Maranhão.

Pensando nisso, no livro *Belém conta...* (1995), o depoimento da pesquisadora Tânia Pereira me chamou atenção:

Mais um pouco de conversa e vem o azeite, a abertura da porta, quase um ritual. Chegamos à sala, à sua vida, às suas histórias. Mais um pouco e estaremos em sua cozinha, com o copo d'água, o cafezinho, até o almoço. E escutamos uma infinidade de histórias, entremeadas pela apresentação de um filho, de um vizinho, “quase-parente”. Nem todos são assim. Existem aqueles que insistem em manter alheia, aos nossos olhos, a sua intimidade. Não tem importância: seu santuário será sempre respeitado. Basta-nos a maneira, há uma ambiguidade: não somos um deles. Somos intrusos em seu ninho. Mas, de repente, nos sentimos como que fazendo parte do seu mundo (SIMÕES; GOLDRER, 1995, p.180).

Dessa imersão pude entender o percurso movente que fez com que aquelas narrativas saíssem do cancionário popular, fossem gravadas em arquivos sonoros que dessem outra dimensão ao oral, depois fossem transcritas de acordo com critérios preestabelecidos e posteriormente reescritas apagando grande parte de traços latentes de oralidade. Depois disso novas vozes trabalhadas e com forte apagamento de traços regionais as recontariam em português, inglês, francês e espanhol.

As imagens, os sons de fundo e as animações representavam um novo ponto de vista de técnicos e colaboradores e as suas percepções acerca das lendas e mitos recontadas, mas que ao mesmo tempo guardavam com os originais estreita relação arquetípica de tal forma que não se poderia negar tal relação. Ao mesmo tempo que também não se poderia dizer que não seria um produto novo.

Outro aspecto importante desse estudo foi o de discutir dois temas caros aos estudos das poéticas orais: o uso das tecnologias na coleta de campo e a adaptação de narrativas a outros meios. Desde o uso dos primeiros gravadores – talvez, desconfio, desde o uso da caneta e do papel na presença do informante – que se discute o uso de equipamentos que proporcionem o registro da performance – “realização poética plena”, segundo Zumthor (2005, p.87) – oral e/ou gestual. As discussões versam desde a maneira como usá-los até necessidade de usá-los. Sabendo que essa discussão está longe de ser esgotada, trago-a à luz aqui, bem como discuto o processo de adaptação das narrativas orais a outras mídias distintas e suas especificidades.

O meu fazer como pesquisador, portanto, aproximou-se muito mais ao do antropólogo, na medida em que

a escrita etnográfica configura-se na própria tríade autor/tradutor/texto na conformação da prática investigativa ao oportunizar a sistematização de seus pensamentos interiores e a construção de ações estáveis em relação à cultura e à sociedade pesquisada (ECKERT & ROCHA, 2005, p.04).



Se, para o mercado e para a mídia que o serve, o popular não interessa como tradição que perdura, para o acadêmico, a mídia é uma maneira que aquele tem de se perpetuar, um novo caminho que percorre para se manter vivo, transmutando-se do oral para o digital.

Aquele livro partiu do acadêmico e das relações deste com o popular para adentrar o campo das novas tecnologias. Por isso, tratei dos métodos de coleta, passei pelos de gravação – dando um breve mergulho na questão das mídias – e de transcrição, para poder chegar, enfim, ao processo de produção do CD-ROM. Para seguir esse percurso, não poderia ter melhor objeto de pesquisa, visto que tive à minha disposição todo o acervo IFNOPAP e sua documentação disponível, sem a qual minha tese de doutorado e meu livro não existiriam.

O próprio “desenvolvimento” da arte popular se dá a partir de transformações (CANCLINI, 2015, p.366). Portanto, uma pretensa morte dela seria um grande contrassenso. O ambiente acadêmico e o novo suporte são, portanto, espaços de transformação do popular.

Não existem grupos de indivíduos propriamente folclóricos; o que há são situações mais ou menos propícias para que o homem participe de um comportamento folclórico (BLANCH, 1988, p.29 apud CANCLINI, 2015, p.220). Somos capazes de nos integrar a diversas práticas sociais, e as aqui citadas e muitas outras estão em nosso cotidiano, e podemos percebê-las como uma experiência estética ou fazer de conta que elas não existem como tal.

Todavia, se o pesquisador em campo precisa de espontaneidade e deseja uma proximidade maior com o Etnotexto que pretende estudar, a melhor forma de fazer a entrevista – que nesse caso não seria mais uma entrevista – é através da convivência o mais próximo possível da comunidade, sem auxílio do gravador, deixando que a própria memória do pesquisador se confunda com a da comunidade, selecionando os fatos que o seu inconsciente assimile e deixe aflorar no papel.

Isso comprova que a oralidade amazônica ainda vive em som, imagem e movimento, expandindo seus horizontes e influenciando outros meios que fazem uso dela para criar algo novo. E ainda que esses novos meios concorram por espaço com os antigos na vida das pessoas, um acaba fazendo uso do outro num processo de retroalimentação constante num ciclo e num reciclo ininterruptos.

Nesse sentido, as narrativas que haviam começado um processo de desenraizamento passaram por processos de reenraizamento por onde passaram, seja nos meios acadêmicos ou escolares por onde circularam os áudios e transcrições, seja nos lares ou demais lugares por onde passaram as cópias dos CD-ROM.

O desenvolvimento moderno não apaga as culturas populares tradicionais, porque essa ampliação modernizadora não conseguiu extinguir o folclore, e os estudos mostram que nas últimas décadas as culturas tradicionais se desenvolveram, transformando-se (CANCLINI 2015, p. 215). Por outro lado, as culturas camponesas e tradicionais não representam a maior parte da cultura popular, e os meios eletrônicos são, em parte, responsáveis por isso, bem como o turismo, as migrações, a religiosidade, dentre outros (CANCLINI, 2015, p.218).

O popular não se concentra nos objetos, porque é um mecanismo de escolha, e mesmo de invenção, projetado em direção ao passado para legitimar o presente (BLACHE, 1988, p.27 apud CANCLINI, 2015, p.219). E, falando da influência interacionista e etnometodológica: todos os objetos são dramatizações dinâmicas da experiência coletiva (CANCLINI, 2015, p.219).

O Caleidoscópio, dessa forma, é a encenação não de uma, mas de várias experiências coletivas agrupadas, concentrando o popular num patrimônio de bem estável, voltado para o passado para legitimar o presente.

As pessoas de hoje não precisam menos dos mitos do que as de outrora (ZUMTHOR, 2010). No entanto, a aldeia (comunidade), que antes era um espaço restrito e limitado pela geografia, agora é outra, uma “Aldeia Global”, lugar (ou não-lugar) do



“tudoaomesmotempoagora”, na qual o tempo cessou e o espaço desapareceu. O CD-ROM é essa materialidade que, mesmo afastada do Etnotexto, ecoa os tambores de tribos distantes, ainda que os escutemos na solidão dos nossos computadores (MCLUHAN, 1969).

Nesse sentido, a produção de um objeto midiático, como o Caleidoscópio Amazônico, é pertinente na medida em que não se exime do popular em prol do acadêmico ou tecnológico. Essas instâncias não são antagônicas e, portanto, não se excluem mutuamente, ao contrário, funcionam como complementares na contemporaneidade. Com a legitimação cada vez mais presente do ambiente digital, quem procura separá-las e não admite a possibilidade da relação ecumênica entre elas não está valorizando a cultura em si, e cai na armadilha do logocentrismo.

Claro que, se tivéssemos um ecumenismo maior, desde as primeiras fases do projeto, talvez tivéssemos um objeto cultural mais próximo do Etnotexto que busca representar. Mas esse produto novo não seria uma espécie de Etnotexto em si?

Da mesma forma que não podemos dizer que as comunidades são apenas aquelas que vemos nos bairros pobres, interiores pequenos, grupos excluídos etc., não podemos dizer que não há Etnotexto além desses ambientes. O que há são pontos de vista e formas distintas de valorização das narrativas.

Foi também graças a esse trabalho de doutorado que pude conhecer grandes colegas na UEL e compartilhar conhecimentos nos vários Seminários Brasileiros de Poéticas Oraís como Ana Liberato e Mauren Pavão.

O estágio doutoral em Coimbra também foi outra experiência enriquecedora. Em 2015 pude ter contato com os pesquisadores do Grupo de Materialidades da Literatura e orientação do professor Manuel Portela. O período profícuo de troca de saberes enriqueceu a minha tese de doutorado através de novas teorias e novas perspectivas com colegas de várias partes do mundo.

Depois de retornar, em 2016 defendi minha tese de doutorado que em 2018 seria lançada em livro sob o título *Caleidoscópio amazônico: a oralidade em som, imagem e movimento* com o selo da editora Paka-Tatu. Nesse mesmo ano iniciei a minha gestão como Coordenador do Grupo de Trabalho de Literatura Oral e popular.

Em 2019 fui convidado, por sugestão da professora Socorro a compor a equipe técnica da Feira Pan-amazônica do Livro e suas multivozes. Na ocasião dividi uma mesa redonda com Mauren Pavão e pudemos falar das relações entre oralidade e mediação.

Nesse mesmo ano durante a gestão do GT, com ajuda (ou talvez muito mais que isso) de Délcia Pombo (vice-coordenadora) e Dia Favacho (Secretária) realizamos o Quinto seminário Brasileiro de Poéticas Oraís em Soure, Salvaterra e Cachoeira do Arari entre os dias 13 e 16 de novembro, com apoio do Campos da UFPA de Soure, do Campus da UEPA de Salvaterra e da Prefeitura Municipal de Cacheira do Arari. Em parceria com o IFNOPAP, não pude deixar de relembrar o meu primeiro evento ifinopapiano em que estive nessas três cidades. Foi um desafio para todos nós que além de todas as dificuldades dos anos estranhos que até hoje vivemos, não tínhamos um barco de apoio tão tradicional nos encontros coordenados pela professora Socorro.

Durante o evento fizemos uma singela homenagem a Socorro Simões, com uma mesa redonda da qual participei na companhia de Frederico Fernandes, Eder Jaster, Josebel Akel e Ana Zully. Tive a missão de representar alguns aspectos da vida pessoal dela. Depois de nossas falas a performance de Eder Jaster, a entrega de flores e a leitura de uma homenagem feita pro professor Silvio Augusto de Oliveira Holanda (*in memoriam*) deixou a todos bastante emocionados.

Em 2021 dei uma entrevista ao Jornal Diário do Pará a propósito do Halloween, e dentre outras coisas usei como referências as histórias de assombração do presentes no corpus do INFOPAP. Neste mesmo ano, em dezembro, agora como como secretario do GT



organizamos um grande evento *on-line*, devido às restrições da pandemia, de poéticas orais com a presença de grandes nomes, como a professor Ana Pizarro do Chile.

Sem Fim

Pensar em futuro acadêmico sem pensar que o IFNOPAP esteja direta ou indiretamente presente não faz parte dos meus planos. Toda vez que imagino algum projeto de pesquisa envolvendo alunos de iniciação científica ou até mesmo um possível pós-doutorado, não consigo pensar que o acervo ou a experiência adquiridas com o projeto não possam estar presentes.

Até hoje, como colaborador do Portal Brasileiro de Poéticas Oraís ainda me dedico a alimentar o site com arquivos do projeto, tentando fazer com aqueles arquivos tão valiosos aos estudos culturais não se percam de alguma forma.

O IFNOPAP parece fazer parte de mim de tal forma que qualquer esboço de projeto começa ou termina com ele presente em minha mente. As vezes penso, em meio a devaneios, continuar o projeto de alguma forma e não deixar que o legado da professora Socorro Simões se perca na dobras do tempo. Este é um projeto que mesmo dando origem a dezenas de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses ainda tem muito a oferecer à comunidade acadêmica.

Referências

Acervo IFNOPAP. Belém: UFPA, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. La modernidad después de la posmodernidad. In: BELLUZO, Ana Maria de Moraes (Org.). **Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina.** São Paulo: UNESP, 1990. p.201-37.

CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação.** São Paulo: UNESP, 2014.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade.** Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg.** São Paulo: Nacional, 1972.

MORAES, Eneida de. **Aruanda e banho de cheiro.** Belém: Cejup, 1990.

PELEN, Jean-Noël. Memória da literatura oral: a dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. **Projeto História.** São Paulo, v.22, p.49-77, 2001.

RANIERI, Alexandre. **Caleidoscópio amazônico: a oralidade em som, imagem e movimento.** Tese de doutorado defendida em 21 de maio de 2015 pela Universidade Estadual de Londrina. Sob orientação do Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes.

_____, Alexandre. **Caleidoscópio amazônico: a oralidade em som, imagem e movimento.** Paka-Tatu: Belém, 2018.



SIMÕES, Maria do Socorro. **Entrevista**. [06/01/2014]. Entrevistador: Alexandre Ranieri. Belém: [s. n.], 2014. Gravação digital 1h30min estéreo.

_____, Maria do Socorro; GOLDER, Christophe. **Belém conta...** Belém: CEJUP, 1995.

VILHENA, Luis Rodolfo. **Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964**. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getulio Vargas, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

[Recebido: 10 dez 2021]

